

CONVERSA COM BIAL EM CASA

SUMÁRIO

Em casa, no mundo - por Pedro Bial

Glória Maria - A glória de viver

Laura Carvalho e Armínio Fraga - Sobre desigualdade, a concordância de opostos

Paulo Gustavo - A classe média sob a lente do humor

Xuxa Meneghel - X de multiplicação

Gilberto Gil - Orixá na Terra

Daniel Filho - O inventor da novela brasileira

Ary Fontoura - A reinvenção na quarentena

Lima Duarte - Ele estava lá

Betty Faria - A luz é toda dela

Glória Pires - A favorita das lentes

Alceu Valença - A sua valência

Ricardo Darín - O namorado de Sueli

Caetano Veloso - Ex-liberaloide

David Wilson, Eliane Dias e Silvio Almeida - Vidas negras importam

Luiza Brunet - Símbolo, do sexo ao gênero

Ruy Castro - Depois da espanhola

Bruno Mazzeo e Antonio Prata - Graça na desgraça

Luiza Trajano - Uma brasileira exemplar

William Bonner - Um desabafo

Paulinho da Viola e Zico - Um Maracanã de saudades

EM CASA, NO MUNDO

Pedro Bial

Acho que foi no início de fevereiro, talvez um pouco mais tarde. Ou terá sido depois do carnaval, quando se assentaram frias as cinzas pressagas da quarta-feira? Se bobear, estou totalmente enganado e foi antes, ainda em janeiro... Sei que, na redação, eu fui o primeiro a propor distanciamento social, nada de beijinhos e abraços, a esfregar álcool gel nas mãos e, mesmo quando a OMS dizia que não era para usar máscara, andar com uma no bolso.

Minha é a via das dúvidas, sempre foi. Tenho um lance que se chama no jargão “faro de notícia”: em geral um cheirinho de merda inconfundível que não-jornalistas confundem com flatulências corriqueiras da vida – o repórter se espanta.

Desde as primeiras notícias chegadas de Wuhan, intuí. Alguma coisa me dizia que dessa vez era diferente. Não seria como o coronavírus da SARS de 2003, também oriundo de um mercado de bichos vivos na China, que assustou mais que matou (800 mortes em 8 mil casos), doença erradicada em 2004, o vírus não. Nem como o corona que veio do Oriente Médio e propagou a MERS em 2012, com 2220 casos até 2018, 790 mortes. Dessa vez ia ser grande, soprava em meu ouvido meu paranoico anjo da guarda.

Não há mérito nenhum na minha previsão, talvez apenas uma precipitação – que se revelaria nem tão precipitada.

★ ★ ★

Antes daquele 11 de março, grassava na equipe do *Conversa* o negacionismo, ainda com o apelido de esperança: “Por que não marcar nossas gravações? Talvez o máximo que aconteça seja fazer o programa sem plateia...” Assim eram nossas perguntas e respostas, “por que não?”, “talvez...” Eu seguia me sentindo o Velho do Restelo, o símbolo do pessimismo n’*Os Lusíadas*. No início daquela segunda semana de março de 2020, muitos na Globo ainda consideravam ir a Austin, Texas, para o encontro anual de inovações da indústria audiovisual mundial, o sxsw. Eu tinha virado o chato, mandando neguim tirar o cavalo da chuva. Na sexta, dia 6, tinha havido um evento de preparação para quem ainda acreditava na viagem, em que tomei parte como apresentador, mãos besuntadas de álcool e a cabeça insistindo em negacear.

Para a sexta-feira, 13 de março, estava marcada nossa gravação com o lendário grupo de heavy metal Sepultura. Dois dias antes, minutos depois da declaração oficial de pandemia, eu disse para toda a equipe reunida que não podia imaginar quando estaríamos juntos de novo. Até agora, começo de novembro, não há como prever.

Depois de quase um mês de isolamento, cercado de lives por todos os lados, meti outra coisa na cabeça: tínhamos de voltar ao ar, o momento era propício, a hora pedia um programa como o *Conversa*. Que o fizéssemos em novas condições, que buscássemos uma linguagem que não se restringisse ao formato de live, que celebrássemos os 70 anos de tv brasileira nos braços, ou melhor, tentáculos, da internet.

Parece simples, como julgaram alguns comentaristas de televisão. Uma aparente volta ao básico, sem plateia, sem banda, fora do estúdio, no osso. Na prática, é osso. Trata-se de operação muito complexa, são tantos elementos quantas as chances de alguma coisa dar errado. E dão. Mais que o exercício de uma nova linguagem, nos esperava o exercício diário de paciência e perseverança.

Se correr atrás da forma foi uma façanha suada da produção, reconhecer as novas possibilidades do conteúdo foi uma revelação. Enfim, através da mediação eletrônica, a proposta inicial do programa se realizava de forma integral. Desde sempre, nossa intenção, adivinhada, perseguida, ambicionada, sempre fora não fazer entrevistas. Inspirados pelo célebre conselho que, a dias de estrear o próprio programa, Dick Cavett ouviu de seu primeiro chefe, o pioneiro do talk-show, Jack Parr: “*Don’t do interviews [...] Make it a conversation.*” “Não faça entrevistas [...] Converse.”¹

Uma entrevista tem interesses determinados, a boa conversa é sempre desinteressada, arte pela arte. E não é fácil conversar sem artifícios quando se está sob as luzes, num palco, diante da plateia, anunciando-se aos acordes de uma banda. Não que seja impossível, acontece, mas é uma exceção de sorte. Além de elementos externos, e talvez mais importante que eles, é a predisposição interna dos envolvidos na conversa, sendo primordial a de quem a propõe e conduz.

Com a nova configuração do programa, o convidado falava agora, na maioria absoluta dos casos, da própria casa, o que, desconfio, pode ter contribuído para que questões pessoais e visões mais íntimas surgissem de um jeito natural, espontâneo, sem forçação. Mas, principalmente, consegue-se, em vários encontros, prescindir da pauta.

Conversa não precisa ter pauta, pode ter, pode ajudar, mas não precisa. E olha que tenho uma equipe de excelência, a me abastecer de pesquisas e pautas primorosas.

Mais: qualquer encontro entre duas pessoas é o choque de dois universos culturais, pessoais, podendo ser mais distantes ou mais próximos. A pauta pode ser intrusa na mecânica espontânea de uma conversa, a pauta representa a imposição de um universo sobre outro, este a aquele se adapta e reage, numa palavra, a ele responde.

Não é sempre que a conversa flui, evidente que não. Técnicas jornalísticas e macetes que a experiência ensina seguem sendo úteis e

necessários. Mesmo porque as condições de transmissão via internet são temperamentais, há dias em que se fazer ouvir e escutar o outro já é vitória suficiente.

Digo com orgulho: merecido ver este ano tão excepcional do *Conversa* perenizado nessas páginas. Carecia. Em 2020, todos nos encontramos em situação extrema, conformados a limites inéditos. Mas, repito: nos encontramos.

Não há só paradoxo na ambivalência da vida, há as chances que o destino nos dá, provas a que nos submete para que queiramos aprender o humano presente em todas as coisas. Assim, se avizinharam e se humanizaram nossas relações restritas, submetidas à distância e reduzidas a uma janela na tela do computador. Assim, o velho eletrodoméstico, lareira do século XX, a TV se reafirmou como fogo ritual, centro de uma ágora pulverizada em redes sociais e antissociais. Assim, o sentido da história da televisão brasileira se fez maior e mais claro em seu inesquecível aniversário de 70 anos, quando, para seguir cumprindo seu papel, usou os recursos de sua descendente digital, a internet.

Dedico este livro a nossa líder, Monica Almeida, e a Gian Carlo Belloti, avatar da equipe do *Conversa*, minha turma que conectou afetos isolados e deles fez televisão.

Notas

¹ Dick Cavett (1936-) é um apresentador de programa de entrevistas e comediante americano conhecido por tratar entrevistas como conversas e discussões aprofundadas. Se manteve no ar em rede nacional dos anos 1960 aos anos 2000. Jack Paar (1918-2004) foi um ator, radialista, comediante e

apresentador do programa de entrevistas americano *The Tonight Show* de 1957 a 1962.

GLÓRIA MARIA

A glória de viver

PEDRO BIAL: É incrível a gente estar usando os recursos da internet, a linguagem da televisão, tudo se misturando, para poder se comunicar, se informar e se divertir. Tudo junto. Se, antes da pandemia, antes de o mundo parar por causa do coronavírus, a TV e a internet já estavam em relações íntimas e estreitas, agora entrelaçou tudo. O mundo digital abraçou aquela velha senhora do centro da sala: a televisão. E a televisão brasileira, que faz 70 anos em 2020 – e assim como as senhoras dessa idade deste ano de 2020, faz 70 anos com o corpinho saudável, bonito, jovem – está sedutora como nunca. Na real, o Brasil ainda não estava pronto para a televisão. O próprio Assis Chateaubriand,¹ um empresário visionário, mais conhecido como Chatô, que queria implantar a televisão no Brasil, chamou técnicos americanos para estudar as condições socioeconômicas do país e saber se a televisão daria certo. E eles foram definitivos, falaram: “Não, o Brasil não tem uma sociedade de consumo capaz de sustentar o negócio TV.” O que o Chatô fez? Botou a televisão no ar mesmo assim. No dia 18 de setembro de 1950, inaugurou-se a TV Tupi de São Paulo, canal 3.

[No vídeo de 18 de setembro de 1950, o apresentador Homero Silva, da TV Tupi, anuncia a chegada da televisão ao Brasil e afirma que ela será o maior sucesso popular dos próximos 25 anos.]

PB: A importância central que a televisão ganhou, e que ficou evidente nestes tempos de pandemia, só reforçou o nosso desejo de celebrar esse aniversário. Porque, hoje, mesmo quem é do contra precisa assistir à televisão para manifestar a sua opinião contrária. Não tem jeito. A referência, a base, o que nos mantém unidos neste momento é a boa e velha televisão. Viva a televisão brasileira! Viva seus heróis e pioneiros! E a nossa primeira convidada é testemunha e protagonista dessa grande aventura. Ela é uma das inventoras, criadoras do telejornalismo e da figura do repórter de TV. Ela tem nome composto, mas as pessoas sentem tamanha intimidade por ela que a chamam só pelo primeiro nome. Ela é Glória Maria, a nossa Glória. Ei, Glorinha, que ano esse, hein?

GLÓRIA MARIA: Que ano, Pedro. Um ano impensável.

PB: Esse seu suspiro já disse tudo.

GM: Pois é, um ano impensável. Meu Deus!

PB: Glória, em que momento da vida essa pandemia foi te pegar, hein?

GM: Pedro, ela me pegou de jeito. Na verdade, me pegou lá atrás, em novembro, quando fiz a minha cirurgia, quando descobri, de repente, que eu tinha um tumor no cérebro. Do nada, eu caí, desmaiei em casa depois do jantar, fui para o hospital costurar a cabeça, e quando vou ver o exame, me dão o resultado: “Olha, você está com um tumor no cérebro.” E eu digo: “Como assim? Eu? Não, esse exame está trocado. Não é meu, não pode ser.” “É, é você.” E a imagem que me veio à cabeça na hora – não chorei, não me desesperei, nada – foi de uma entrevista que fiz com o Minotauro,² no Japão. Era a primeira vez que alguém no Brasil tinha descoberto que o Minotauro existia. Perguntei por que ele escolheu aquela coisa de luta, e ele contou que, quando era muito pequeno, foi atropelado por um caminhão [do tipo] jamanta, e

que foi quase totalmente destruído pelo caminhão. Primeiro ele passou meses no hospital, depois anos fazendo fisioterapia, e usou o jiu-jitsu... E aquela imagem de uma criança atropelada por um caminhão nunca saiu da minha cabeça. Me senti assim, atropelada por um caminhão. Eu não sabia o que fazer, não tinha reação.

PB: Vem cá, vou mostrar aqui um videozinho que você gravou de um procedimento no seu tratamento. Vamos assistir, depois você explica o que é isso.

[Vídeo em que Glória Maria aparece deitada, saindo do interior de uma máquina de radioterapia.]

GM: Descobrindo um mundo totalmente desconhecido, e, desta vez, sem precisar carimbar passaporte. Esta é a minha vida.

PB: É uma viagem, hein? É uma outra viagem que você está fazendo, minha *globe-trotter*.

GM: Ô, Pedro, e não sei nem como gravei isso. Sei que tinha que fazer uma máscara, um capacete, para começar o tratamento, que é a radioterapia, para moldar o seu crânio e as ondas de rádio irem exatamente nos lugares que elas devem atingir. Eu não sabia de nada. Quando vi aquilo, falei: “Meu Deus, é ficção científica, não posso estar passando por isso.” Era uma viagem, sim, e, como eu disse ali, sem passaporte. Os meus médicos olharam para mim e disseram assim: “Ô, Glória, da onde você tirou de gravar isso?” Porque pedi a eles: “Pega o telefone aí, pelo amor de Deus, e grava.” Eu pensei: “Claro, tenho que registrar essa experiência, não sei se vou sobreviver a tudo isso.” Nunca vi nada parecido na minha vida. Deve existir, outras pessoas devem conhecer, mas eu não tinha visto nada parecido, nem na mais remota imaginação. Fiz isso à noite, sem saber como ia terminar, se eu ia sobreviver àquilo, se ia escapar da rádio. Mas, graças a Deus, escapei

mais uma vez e já estou terminando a imunoterapia. Como? Eu não sei. Só Deus sabe.

PB: Durante essa luta, você ainda perdeu a sua mãe. Em fevereiro. Dona Edna.

GM: É, Pedro, foi tudo de uma vez só. Como eu falei, foi um caminhão passando por cima de mim. Quando saí do hospital, por causa da infecção pulmonar, voltei para casa pensando: “Agora vou ter um momento para respirar.” Quando imaginei que ia voltar a respirar, do nada, a minha mãe, que não sabia pelo que eu estava passando... Porque como ela já estava frágil, resolvi não contar para ela. Na véspera do carnaval, ela passou mal, também com uma insuficiência respiratória, que não sei se já foi o coronavírus. A gente foi levá-la para o [Hospital] Pró-Cardíaco, por causa dessa insuficiência respiratória, e, no meio do caminho, ela morreu. Aí eu disse: “Meu Deus do céu, não pode ser. Alguma coisa está acontecendo na minha vida que é muito mais do que a pandemia. Tudo ao mesmo tempo agora.” Então pensei: “Bom, tenho que segurar. É o tumor no cérebro, a infecção pulmonar, a perda da minha mãe. Se eu não for agora, não vou nunca mais.” Aquilo que o doutor Roberto³ dizia: “Se eu morrer...” Então estou aqui, ainda fazendo o tratamento e tentando entender. Além de isso ser uma parte da minha vida, que é só minha, única e intransferível. Assim, não sei se vou ter força para mais alguma coisa, mas, até agora, estou legal, inteira, pronta para qualquer coisa. E não tive medo em nenhum momento. Não derramei uma lágrima. Não fiz uma única pergunta, tipo: “Por que comigo? Por que eu e agora?” Não. É minha vida, vamos levar, vamos viver. Achei que tudo isso, na verdade, foi uma bênção. Deus me concedeu a graça de ter mais um pedaço de vida para conhecer. Porque a gente só quer aquela coisa legal, né? O lado A. Nuvenzinha cor-de-rosa, tudo bonito, “vou viajar pelo mundo”. Agora, o lado B, que é a barra pesada, mas é a vida, ninguém quer. E aí descobri que a gente tem que querer e tem que viver. E

estou vivendo na boa. Mas, nesse turbilhão que venho vivendo, a única pessoa que realmente me emocionou e me fez chorar, e para o bem, de uma emoção boa, e de que eu desesperadamente precisava, foi você. Eu vim num movimento, desde a cirurgia até hoje, em que me isolei de tudo, me separei de tudo. Não conseguia experimentar uma emoção. Eu não tinha um medo, não tinha uma pergunta. Os médicos diziam: “Mas, vem cá, você não quer saber...?” Eu dizia: “Não. Eu não sei, não sou médica e não quero saber.” E não chorava. Não conseguia chorar, não conseguia derramar uma lágrima. E acho que quando você tem uma dor tão desesperadora, não dá para a lágrima cair. Aí veio a minha mãe. E também me coloquei numa situação que, como ela não sabia o que estava acontecendo comigo, imaginei o seguinte: a minha mãe foi embora e, agora, no lugar onde está, ela pode me ver, sabe tudo o que está acontecendo e pode me proteger. Não tenho o direito de chorar. Tenho o direito de iluminá-la, energizá-la, para ela poder mandar energia para mim. Passei por tudo isso de maneira como [se eu pensasse]: “Não sou eu.” Acho que talvez eu não estivesse em condições de suportar tanta dor ao mesmo tempo. E quando veio o seu livro que você me mandou, que li o título, falei: “*Elogio da sede*.⁴ Na verdade, o que estou sentindo agora é sede de tudo.” E quando li a sua dedicatória, a sede passou, na hora. Veio uma onda dentro de mim. Eu estava na copa, e minhas filhas disseram: “Mamãe, o que houve?” Elas entraram num desespero, achando que era alguma coisa. E eu abracei elas duas e falei: “Não, agora finalmente está tudo bem, mamãe está bem.” De lá para cá, chorei umas duas ou três vezes, coisas boas. E eu tinha que te dizer isso, tinha que te agradecer, porque você me deu o que eu precisava, você matou a minha sede no momento em que eu precisava de um pouco d’água.

PB: Ô, meu amor, você que mata a sede de milhões e milhões, e que inspira, e que faz tão bem a todos só por ser quem você é.

GM: Estou pensando o seguinte: quando voltar, tenho um mundo novo

a desvendar, né, Pedro? Aquilo tudo que eu fiz... É o que você me falou, quase 200 países, e eles não existem mais. Mudaram todos os protocolos. Para onde eu for, vai ser diferente.

PB: É.

GM: Tenho que ter mais pelo menos uns 30 aninhos pela frente para desvendar este mundo que eu não sei qual é, cara.

PB: Acho que você tem em casa algo que dá força para você. Também tenho uma Maria e uma Laura, e sei a diferença que faz. Como estão as suas meninas? Estão te ajudando? Como elas estão participando disso tudo? Elas são muito pequenas, mas estão vendo você e a sua luta, né?

GM: Pedro, se não fosse pelas minhas filhas, Laura e Maria, a história teria sido outra. As minhas filhas são fundamentais na minha recuperação. Porque a Laura é a rainha do palco, quer fazer show, quer cantar o tempo todo. Ela me dá alegria, me dá energia. E a Maria é a certinha, a intelectual, aquela que estuda, que me orienta em tudo. “Mamãe, você está bem? Você está precisando de alguma coisa?” Cumpre horário, não atrasa nunca. [Risos] Ela vive de segundos. Então tenho duas bênçãos. Sem essas meninas, eu realmente não teria aguentado esse tranco, não. De jeito nenhum.

PB: Vou aproveitar essa deixa – principalmente porque você disse que Maria é pontual –, para explicar de uma vez por todas, parar com esse boato: as meninas não são minhas filhas [Glória Maria gargalha]. Só porque fui casado durante 10 anos com a Glória? Aliás, o casamento perfeito. Tinha briga, quebrava o pau. Olha, e a lua de mel foi em Paris, onde a gente começou a apresentar o *Fantástico* junto, Copa de 98, olha aí.

[Mostra imagem do programa *Fantástico*. Aparecem Pedro Bial e Glória Maria em estúdio. Ao fundo, entre os dois, há uma imagem da Torre Eiffel.]

PB: Boa noite! Bonsoir! O Fantástico está em Paris, acompanhando os preparativos da França para sediar a maior Copa do nosso século. Mas, enquanto a bola não rola, Paris oferece aos visitantes muitas, muitas atrações.

GM: É, e eu fui conhecer uma delas, o rio Sena, que corta toda essa cidade. Quem navega por ele pode se deslumbrar com a beleza e a magia dos principais monumentos e prédios aqui da França.

PB: Olha só. O tempo não passou para você, Glória. Você está ótima. Faz o quê? Vinte e dois anos.

GM: É um esforço insano. É aquele negócio, né? Você tem que dormir. Ainda mais agora, na pandemia, que você não tem nada, nenhum recurso. Por exemplo, hoje, a gente está conversando, estou zero a zero. Não tenho cabeleireiro, não tenho maquiador. Tive que me reinventar para poder ficar mais bonitinha no ar. Porque, você imagina, estou largada há sete meses. Sem fazer a sobrancelha, sem fazer nada. Só fiz uma coisa, porque também não sou de ferro. Mais ou menos um mês atrás, quando não estava no auge dessa pandemia, pedi para o meu cabelereiro vir aqui me dar um toquezinho. Eu tinha uma roupa de proteção aqui em casa, que pedi a um médico meu emprestada, e meu cabelereiro vestiu. Porque eu já estava me sentindo a bruxa Memeia. Não estava dando mais. E, aí, eu falei: “Não, vem aqui.” E ele veio todo paramentado, com aquela roupa, deu um cortezinho no cabelo. Porque, espera aí, sete meses? Não dá.

PB: Você foi a primeira pessoa a evocar a Lei Afonso Arinos,⁵ lá atrás. Lá atrás mesmo, porque, naquela época, o racismo não era nem crime, era só uma contravenção. Você acha que, agora, o Brasil mudou, melhorou, está menos racista?

GM: Não, o Brasil está racista igual. A única diferença é que, hoje, as coisas ganham uma proporção maior, você tem outros meios. Nada mudou. A discriminação continua igualzinha. As pessoas acham que hoje é pior. Não, não, não. Quem não gosta de preto não gosta. Quem é racista é racista. Não adianta a Glória Maria apresentar o *Jornal Nacional*, o *Globo Repórter*, o *Fantástico*. Não. Ela é negra? Então tem que ser discriminada. Ou diminuída. Porque as pessoas têm maneiras de exercitar esse racismo. E dizem assim: “Ah, elas não percebem.” Percebem, sim. Elas sabem que estão sendo racistas e gostam de ser. E quem é racista tem o prazer em ser racista. Tem o prazer em diminuir o outro, seja da maneira que for. Quando comecei a apresentar, as pessoas diziam: “Ah, ela está apresentando agora por causa do movimento negro.” Sempre tem uma justificativa para você estar ali. Nunca é porque você tem talento, nunca é porque você tem valor. Não, é por uma coisa qualquer. Então você vai aprendendo como é o olhar das pessoas sobre você. E, quando você nasce negro – e eu não sou mulatinha, eu sou negra mesmo, eu sou preta –, você aprende a reconhecer isso. A 30 quilômetros de distância, você sabe onde está um racista, sem nenhuma dúvida.

PB: E que críticas você faz hoje ao movimento negro?

GM: Hoje, o movimento negro se diz movimento, mas é uma coisa muito mais pessoal do que coletiva. Isso é o que me incomoda. Tudo passou a ser pessoal. Não depende de você ser negro ou não. Se você não tem talento, você pode se justificar com o movimento negro. Isso que me incomoda. Você usa um cabelo *black power* não é porque gosta, é para provar para as pessoas: “Olha, estou usando. Então olhe para

mim. Eu tenho que ser tratado de maneira diferente.” Sou da geração do Malcolm X.⁶ Hoje todo mundo fala na Angela Davis,⁷ Pedro. O meu cabelo era inspirado na Angela Davis, mas lá atrás. Aí as pessoas descobriram a Angela Davis agora, não conhecem a história dela, conhecem pela capa do livro, e começam a usar a Angela Davis como bandeira. Isso, para mim, é triste. Não queria um movimento negro assim. Mas é assim que ele está agora. Então fico quietinha, observando.

PB: Na biografia *Roberto Marinho: o poder está no ar*, do jornalista Leonêncio Nossa, o José Roberto Marinho conta que uma vez o filho do porteiro do prédio foi com o filho dele para o Country [Club do Rio de Janeiro], e barraram o menino negro, o filho do porteiro. No dia seguinte, o José Roberto fez questão de ir ao Country com você e almoçar ou, sei lá, tomar um drinque. Você lembra desse episódio? Foi assim?

GM: Foi assim. Essa foi uma coisa de que eu nunca falei. Levei um susto quando li isso no livro. Não sei como foi com o menino, mas comigo foi horrível. Porque éramos nós dois lá, o clube inteiro olhando para aquela mesa, e eu não sabia o que fazer. Não entendia direito ainda aquela maluquice que era e é o Country. E eu dizia: “Zé, vamos embora, porque, puxa vida, está todo mundo olhando para a gente.” E não sabia direito se era só porque eu era negra ou se era também porque ele era o filho do Roberto Marinho. Mas foi um dos piores, mais desagradáveis momentos da minha vida. Aquela sensação... Eu me sentia como um macaco no zoológico. Todo mundo ali olhando, esperando a hora de dar uma banana.

PB: Glória, quem deu uma banana geral para todo mundo foi você, com a sua luz, o seu trabalho, a sua glória. Agora, conta para nós quem era a figura da história política brasileira que dizia assim: “Não deixa aquela neguinha chegar perto de mim.”

GM: Ah, eu tenho uma história horrível com os militares. Era o general Figueiredo,⁸ que não me suportava, porque, quando ele foi indicado, a gente foi fazer aquela famosa fala dele lá na Vila Militar, em que ele dizia: “Porque, para defender a democracia, eu bato, prendo e arrebento.”² Eu era muito boa, sou muito boa, em português. Não lembro direito, mas ele citou alguma coisa da gramática que não existia mais, aí falei para ele assim: “O senhor me desculpa, o senhor tem que aprender um pouco mais a gramática portuguesa, porque isso que o senhor falou não existe na gramática.” Ah, Pedro... [Como quem grita] “Tira essa mulher daqui, tira essa mulher daqui.” E eu saí dali escorraçada e passei a ser o horror do general Figueiredo. Só que toda a segurança dele tinha sido do presidente anterior, que era o [Ernesto] Geisel, e todos eles gostavam de mim. Então, quando eu chegava, eles me davam o melhor lugar. Quando ele me via: “Tira aquela neguinha da Globo daqui.” Eu passei todo o governo Figueiredo ouvindo: “Tira aquela neguinha da Globo daqui.” Então, meu bem, racismo, para mim, já deu em tudo quanto é nível. Eu não sei de onde vem mais agora, acho que agora não vem mais, agora chega, né? Estou bem.

PB: Vamos mostrar para a garotada que não pegou essa parte da Glória Maria pagando o seu carma em Brasília, no noticiário político. Olha um trechinho aí.

[Vídeo do *Jornal Nacional* de 1979. O general Figueiredo em um evento militar. Ouve-se a voz de Glória Maria em off.]

GM: A solenidade foi na Praça General Tibúrcio, na Praia Vermelha, no bairro da Urca. O presidente Figueiredo homenageou os 31 mortos, colocando uma coroa de flores junto ao monumento às vítimas da Intentona Comunista. O presidente já ia embora, quando nós, da imprensa, perguntamos qual seria a solução para a crise de energia no Brasil.

GENERAL FIGUEIREDO: Não tem solução a curto prazo, não tem. A solução é apertar o cinto e não gastar energia. Qual é a solução que você queria dar?

GM: O racionamento também, presidente?

GF: Também. Se for necessário, eu vou lá.

PB: Glória, para quem não tem noção do que era a vida sob a ditadura, o que você diria para descrever qual era o astral?

GM: Tudo era proibido. Tudo. Você não podia perguntar nada. Se você saísse da linha, no dia seguinte você tinha um aviso na televisão: “Aquele repórter não pode continuar fazendo a cobertura.”

PB: Agora, mesmo na ditadura, nunca aconteceu... Aliás, é uma hipótese impensável. Imagina um presidente da República mandando um jornalista calar a boca? Não dá para pensar que isso fosse acontecer. E se um presidente da República mandasse você calar a boca, o que você responderia?

GM: Não me calava, eu ia continuar falando: “Vem cá, por favor, eu vou calar quando o senhor calar. Vamos falar juntos, vamos conversar juntos. Eu pergunto e o senhor responde. Não tenho que calar a boca.” Cala a boca!? As coisas que eu ouço agora, para mim, são impensáveis, Pedro. Dizer que o brasileiro está protegido [do coronavírus] porque ele se lava no esgoto? Não, para mim, realmente é além de qualquer imaginação. Tem coisas que eu acho assim: “Não, eu não estou vivendo para ver e ouvir isso.” Política, para mim, sempre aprendi, era uma coisa de um nível tão alto. E o que vejo agora é de uma tristeza. Graças a Deus que não cubro mais política. Acho que eu já teria apanhado, ou já teria batido, com certeza.

PB: Glória, a sua vida dá mais do que uma reportagem, ela dá um livro, um filme. Queria saber se você pensa em escrever suas memórias.

[Sequência de imagens de Glória Maria em diversas matérias de tv, em vários lugares do mundo. No último trecho, ela está na Jamaica, fumando um cachimbo.]

PB: Dizem por aí que esse bagulho jamaicano é forte. Quero saber o que você foi comer depois da gravação.

GM: Pedro, a gente não comeu.

PB: E a larica?

GM: Não, não tem larica. O negócio da Jamaica é tão diferente. Você tem que lembrar que fumei aquele negócio na mais radical e pura comunidade Rastafári da Jamaica. O que eles tinham lá era só deles, só para eles. É uma coisa que ninguém vai encontrar nunca mais no mundo, em nenhuma situação. Nós negociamos por três meses para entrar naquela comunidade. Assinamos um papel dizendo que a gente ia respeitar todos os regulamentos, inclusive rezar na entrada e fumar na saída. Depois que saímos de lá – o que não foi ao ar, claro, né? –, e voltamos para o hotel, ficamos na recepção por umas cinco, seis horas, sem conseguir voltar para o quarto. Ninguém sabia onde estava. Olhava um para o outro e dizia assim: “Vem cá, onde é que a gente está? O que a gente está fazendo aqui?” Eu, literalmente, fui a Marte, e, até hoje, depois daquele negócio, não sei se voltei.

PB: Gloríssima, você tem planos de botar essas histórias da sua vida num livro ou num filme?

GM: Você disse bem, ela dá um livro. Mas são histórias incontáveis. E não a minha vida pós TV Globo, pós ser conhecida, não: a minha vida

desde que nasci. Então não tem como. Não tenho coragem de escrever a história da minha vida. Se algum dia eu mudar de ideia, você vai escrever.

PB: Ô, meu amor. Ah, Glória, muito, muito, muito obrigado. Você se cuide.

GM: Pedro, eu que te digo: obrigada. Sabe por quê? Por você quebrar a minha quarentena. Essa conversa da gente daqui a pouco vai ser aqui em casa ou na sua. Mas, por enquanto, já que não ando conversando com ninguém, tenho que te dizer: obrigada por essa conversa tão boa, tão linda. Era um papo de que eu precisava. Jogar conversa fora com alguém que a gente ama. É disso que a gente precisa. Esse seu programa, cara, é a coisa certa, é o que a gente precisa agora. É um bom papo, a qualquer hora. É o que a gente mais precisa. E você sabe bater papo melhor do que ninguém. Obrigada.

PB: Obrigado, meu amor. Te cuida. Te amo. Tudo de bom. Muito, muito amor.

Notas

¹ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (1892-1968), o Chatô, foi jornalista, escritor, advogado, professor de direito, empresário, mecenas e político brasileiro. Foi um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. Foi dono do Diários Associados, o maior conglomerado de mídia da América Latina, com jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agência telegráfica. Ao lado de Pietro Maria Bardi, fundou o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Em 1950, inaugurou a primeira emissora de TV do país, a TV Tupi.

² Antônio Rodrigo Nogueira (1976-), mais conhecido como Minotauro, é um ex-lutador brasileiro da categoria peso-pesado de artes marciais mistas (MMA).

³ Roberto Marinho (1904-2003) foi dono do Grupo Globo de 1925 a 2003. Em 1924, já trabalhava no jornal *O Globo*, que herdou após a morte de seu pai, o jornalista Irineu Marinho, em 1925. Começou a formar o conglomerado que viria a ser o Grupo Globo em 1944 com a inauguração da Rádio Globo. Em 1965, inaugurou a TV Globo.

⁴ *Elogio da sede*, escrito pelo cardeal português José Tolentino de Mendonça, reúne textos que serviram de guia para os exercícios espirituais do retiro da Quaresma do Vaticano do ano de 2018, dirigido por ele, a convite do Papa Francisco.

⁵ A Lei Afonso Arinos, de 1951, é a primeira lei contra a discriminação racial no Brasil. Ela tornou contravenção penal o racismo no país.

⁶ Malcolm X (1925-1965), nascido Al Hajj Malik Al-Shabazz, foi um dos maiores ativistas na luta pelos direitos civis dos negros em seu país, os Estados Unidos.

⁷ Angela Davis (1944-), filósofa e ativista norte-americana, figura símbolo da causa negra, dos anos 1960 até os dias de hoje.

⁸ João Baptista de Oliveira Figueiredo foi o último presidente do período da ditadura militar no Brasil, de 1979 a 1985.

⁹ Ao ser questionado por repórteres sobre sua intenção de levar adiante a Lei da Anistia de 1979, uma abertura política gradual da ditadura militar, o general Figueiredo alegou que não poderia estar mentindo para o povo brasileiro. Ao reafirmar suas intenções, proferiu esta frase que se tornou icônica, reafirmando a truculência do regime militar.

LAURA CARVALHO E ARMÍNIO FRAGA

Sobre desigualdade, a concordância de opostos

PEDRO BIAL: Não foi só no Brasil, foi no mundo todo. A pandemia serviu como uma espécie de lente de aumento, amplificando e tornando ainda mais visíveis coisas que, às vezes, muita gente prefere não ver. Nossas mazelas, tragédias, que teimam em se repetir e continuar, em permanecer, sendo que nós já temos os meios para solucioná-las. Talvez o maior exemplo disso seja a desigualdade. O capitalismo é incomparável, genial na sua capacidade de produzir riqueza, mas deixa a desejar quando se fala na distribuição dessa riqueza. No Brasil, com a pandemia, até o mais alto andar de cima, o ministerial, descobriu que, por exemplo, temos 30 milhões de brasileiros, de cidadãos, invisíveis. Isso é motivo de vergonha para todos nós que amamos o Brasil. Mais da metade da população brasileira – 104 milhões de pessoas – sobrevive com 413 reais por mês, meio salário mínimo. A pandemia não só escancarou esse quadro como tende a torná-lo ainda mais grave. Para falar desse desafio nacional de redução e superação da desigualdade, vamos ouvir dois brilhantes economistas, de gerações, formações e pensamentos diferentes: Armínio Fraga e Laura Carvalho. Depois de se tornar um improvável *best-seller* com este livro lançado em 2018, *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*¹ – um livro de economia virar *best-seller* é porque era bom –, Laura Carvalho lançou agora *Curto-circuito: o vírus e a volta do Estado*,² evidentemente um livro escrito no calor da hora, sob e sobre

os efeitos da pandemia. Laura, que curto-circuito é esse do título? E o fato de um governo que defendia um Estado enxuto, menor, se render e aumentar a presença do Estado de forma emergencial?

LAURA CARVALHO: Sim. O duplo sentido do título é tanto esse que você menciona, portanto, curto-circuito no governo, no pensamento, na ideologia de Estado mínimo, batendo de frente com a necessidade de enfrentar uma pandemia, que é evidente que o setor privado sozinho não poderia cuidar, e, de outro lado, também o sentido de um curto-circuito na economia mesmo. Um curto-circuito macroeconômico que essa pandemia provocou, na medida em que afetou tanto o lado da produção, da oferta, fechando setores, quanto o lado da demanda, do consumo, na medida em que os consumidores estão em casa, não querem se contaminar. É também uma crise de natureza muito diferente das anteriores. Por isso, o título joga com esses dois sentidos.

PB: Vou fazer uma pequena provocação ao Armínio aqui, a partir de “o vírus e a volta do Estado”. Para você, a volta do Estado seria como aquela história da volta dos que não foram, a volta do que nunca se foi?

ARMÍNIO FRAGA: Boa pergunta. É, o governo chegou com esse discurso: “Nós vamos fazer a economia crescer” – essa coisa de distribuir dos social-democratas, e por aí vai. Acho que o Estado nem foi nem voltou, porque a parte liberal também não aconteceu. As coisas estavam muito devagar, o grande tema da desigualdade estava encostado. E, de repente, vem esse curto-circuito. E essa discussão está meio fora do lugar. Não há dúvida de que o Brasil tem um Estado relevante. Isso está na nossa Constituição. As discussões são outras. Como podemos fazer mais, melhor, com o que temos? Para crescer mais, de maneira mais justa, mais equilibrada, com mais espaço para as pessoas crescerem e se protegerem. É por aí.

PB: Laura, no seu livro, você detalha o que se tornou visível para todos, que a pandemia não afetou igualmente a todos da mesma forma. Onde isso ficou mais escancarado?

LC: Isso ficou mais escancarado na saúde, na medida em que os mais pobres estão mais sujeitos à contaminação, por várias razões. Porque não conseguiram parar de trabalhar, não tinham condições de abrir mão da sua renda para sobreviver. Porque estão em moradias com mais gente, com maior densidade, mais pessoas dormindo nos mesmos quartos. Porque pegam transporte público. Porque muitas vezes não têm acesso a saneamento: água, esgoto. E do lado da economia também. Essa pandemia provoca uma perda de renda muito maior, muito mais rápida para aqueles que já não tinham empregos estáveis, que não têm nenhum tipo de colchão. E isso a gente também está enxergando. O FMI [Fundo Monetário Internacional] fez um estudo de outras pandemias, e a gente sempre sai dessas crises com uma maior desigualdade de renda. E, nesta, acho que o quadro tende a ser ainda mais dramático de saída.

PB: Como vários estudiosos já vinham apontando um aumento da desigualdade, então agora foi se agravar um quadro que já era grave. Armínio, o mundo todo apresenta esse quadro de desigualdade crescente. Qual é a singularidade do Brasil. Aqui ainda é pior?

AF: O que é fato no mundo, que chamou atenção nessa discussão, talvez a grande novidade, é a extremíssima concentração no topo. Aquele *top* zero um por cento.

PB: Zero vírgula um ou um por cento?

AF: Zero vírgula um. Ou um também. Um ou zero vírgula um, tanto faz.

PB: Nossa. Tá, tá.

AF: E hoje nós sabemos também, graças ao extraordinário trabalho de pesquisa do Pedro Herculano de Souza e do Marcelo Medeiros³ que, no nosso caso, essa desigualdade no topo já vem de longe. Houve algum progresso. Houve uma queda importante nos níveis de pobreza. Provavelmente estamos perdendo muitos desses ganhos agora. É quase como se estivéssemos começando do zero, infelizmente. E é um quadro triste, porque parece que não aprendemos. É claro que, agora, o mundo deu azar, com a pandemia. Mas as coisas já vinham mal, essa é que é a verdade.

PB: Antes de avançarmos na discussão econômica, queria ouvir a reação de vocês à questão filosófica. Já é um clássico o livro do Harry G. Frankfurt, chamado *On inequality, Sobre a desigualdade*.⁴ O que ele diz, em suma, é que o moralmente errado não é que alguns tenham menos que outros, mas o fato de que alguns têm muito pouco, de que são pobres. Ele diz que o maior desafio não é a grande desigualdade, mas a pobreza. Que, do ponto de vista da moralidade, “não é importante que todos tenham a mesma coisa, mas que cada um tenha o suficiente”.

AF: Eu diria que a tribo dos economistas aqui no Brasil passou muitos anos focado na pobreza, que era e continua a ser extrema, mas que diminuiu muito. E quero crer – penso que Laura e eu estamos juntos nesta – que nós temos que ir além da pobreza. A desigualdade é extrema, como dissemos no início desta conversa, mas eu iria além. Realmente estou convencido de que os remédios para se tratar da desigualdade são também os mesmos que vão ajudar o país a crescer mais: melhorar a qualidade da nossa educação, da nossa saúde, da nossa infraestrutura. Então nós estamos falando que investir no social é investir no crescimento. Sobretudo no nosso caso.

PB: Laura, o que você quer acrescentar?

LC: Concordo em linhas gerais com o Armínio. Acho que a desigualdade também traz custos próprios. É evidente que reduzir a pobreza extrema é prioridade. Mas a diferença entre ricos e pobres, essa alta concentração no topo da qual o Armínio tratou, traz consequências. Não só, aliás, violência, segurança pública, que são coisas que têm a ver com a desigualdade, não apenas com a pobreza, mas também consequências para o sistema político. A concentração de renda também acaba se tornando concentração de riqueza e de poder. E isso, de alguma forma, faz com que a gente fique limitado na capacidade de atender ao conjunto da sociedade. O orçamento público, por exemplo, acaba sendo capturado por interesses de poucos, porque temos essa estrutura tão concentrada de influência, de poder. Tem muitas evidências de que economias com alta desigualdade, com desigualdade crescente, crescem por menos tempo, crescem de maneira mais volátil. E, sem dúvida, políticas de combate à desigualdade, no caso brasileiro, em que isso é tão abissal, serão capazes também de trazer crescimento econômico. E não é só desigualdade de renda. É desigualdade no acesso à infraestrutura, à saúde, à educação. Enfim, todas essas dimensões que o Armínio mencionou.

PB: Abrindo caminhos para esses acessos, você acaba por distribuir renda de maneira direta.

LC: Claro.

PB: Quando falamos nesse 0,1 ou 1% que concentra a renda, eles concentram a renda correspondente a quantos por cento do resto da população?

LC: O 1% no Brasil, 28% da renda total. Então mais de um quarto da renda está na mão de 1% da população.

PB: Essa questão da desigualdade é algo que mexe muito com a percepção, com a autoimagem do país. Num minidocumentário que fizemos, uma foto cristalizou a desigualdade, ou a imagem que fazemos da desigualdade brasileira, que foi a foto de Paraisópolis⁵ [mostra a foto no telão]. Um prédio de luxo, vizinho de porta da favela. Antes de perguntar o que essa foto representa para vocês, quero falar o que representa para mim. Acho que evidencia que a redução da desigualdade interessa aos dois lados, a quem não tem e a quem tem. A vida será transformada para ambos. Como vocês reagem a essa foto?

AF: Primeiro, esse é um mundo em que essa situação não é estável. Isso é explosivo. Ponto número dois, os economistas diriam: “Um jogo de soma zero.” Não é algo que o que um ganha o outro perde. Tem maneiras muito melhores de se organizar nosso país para todo mundo ganhar. O argumento que estamos defendendo aqui hoje é que essas coisas andam juntas. Isso precisa acontecer porque eticamente é intolerável e porque, além disso, vamos crescer mais. Esse é o jogo.

PB: É de nosso interesse comum.

AF: É uma distorção tão grande que é surpreendente. Às vezes as pessoas pensam assim: “Não, vão tirar de mim para dar para um outro, é só isso que acontece.” Não, muito mais coisas vão acontecer ao mesmo tempo. Se fizermos essas reformas que está todo mundo discutindo aqui, e o país puder investir na infraestrutura, no social, na educação, você vai gerar muito mais riqueza também. É uma mudança de paradigma. Temos que passar uma borracha nessas ideias antigas, cada um ficar defendendo o seu, porque isso não está dando certo. Está errado. Quando as pessoas ganham porque são muito talentosas e pagam mais imposto, ninguém reclama muito. O que é mortal é ter muita gente que ganha dinheiro quase que roubando mesmo, através de tráfico de influência, de regras mal desenhadas. Isso envenena tudo. Precisamos achar um certo equilíbrio. O Brasil está tão longe desse

equilíbrio. Não vou dizer que eu seja otimista porque isso já está assim praticamente há décadas, se não há séculos. Mas há um espaço enorme para a gente melhorar.

PB: Laura, você está conversando com dois sessentões. Armínio era do [colégio] Santo Inácio, assim como eu. Só que ele era muito mais velho, era do ano seguinte. Ele é de 1957, eu sou de 1958. Você é muito jovem, tem 36 anos. Você procurou a economia, virou economista, por causa de fotos como essa?

LC: Sem dúvida, Pedro. Desde que comecei a estudar Economia, isso era uma das questões que mais me motivaram. E acabei virando macroeconomista, que, em geral, não são os economistas que estão focados em desigualdade, mas virei macroeconomista da desigualdade. A pandemia exemplifica e torna concreto isso que você disse sobre ser um problema de todos e, na verdade, todos ganharem com a redução da desigualdade, na medida em que estamos diante de um quadro que é impossível ser resolvido se só for resolvido para alguns. É evidente que você não vai corrigir o contágio, interromper, se você não resolver para todos. E isso deveria ser óbvio. A pandemia deveria estar tornando tudo ainda mais óbvio. Mas, infelizmente, a nossa estrutura de desigualdade é tão abissal e tão antiga que ficamos nos deparando com coisas chocantes todos os dias. Com a indiferença, inclusive, com esse número de mortes, que sabemos que é tão mal distribuído, e que está muito mais em Paraisópolis do que do outro lado.

PB: Eu ia perguntar se o combate à desigualdade pode ser levado a cabo por um país sozinho, ou se isso precisa de uma concertação internacional.

AF: No nosso caso, os problemas principais são todos internos. E têm raízes antigas. Essa questão do Estado, por exemplo, que você levantou. A carga tributária do Brasil, que é em torno de 35%, 33% do

PIB [Produto Interno Bruto], para um país de renda média, é bastante alta. O que acontece aqui que nós não conseguimos fazer mais com isso? Tenho estudado o assunto e me surpreendi com algumas coisas. Primeiro, 80% do gasto público no Brasil vai para funcionalismo e previdência. A esmagadora maioria dos países está abaixo dos 60%. Você faz uma reforma do Estado caprichada, completa a reforma da previdência, isso vai liberar dinheiro para se investir no social. E, depois, a tributação no Brasil é praticamente horizontal. O mais pobre paga mais ou menos o mesmo imposto que o *top* 0,5%, 1%. Até paga menos, esse de cima, por brechas na tributação do capital. Isso daí também é outra aberração completa. E aí você pergunta: “Mas como é isso?” É porque o pessoal mais pobre paga no consumo. O imposto está escondido em tudo o que as pessoas compram. O pessoal de cima paga Imposto de Renda, mas paga pouco, tem muita brecha no Brasil.

PB: Quando se fala que nossa tributação é regressiva, basicamente estamos dizendo que quem ganha menos paga mais do que quem ganha mais. É tão simples quanto isso, ou tão terrível quanto isso, né?

AF: É isso aí.

PB: Laura, você não concorda 100% com essa colocação do Armínio, de que uma reforma no Estado e no funcionalismo, e um aprofundamento da reforma da previdência já nos poriam no caminho virtuoso. Quais são as suas ressalvas?

LC: Sobre essa parte do funcionalismo, tenho dúvidas. Claro que há distorções e há possibilidades de ganhos e economias. Em todas as áreas do Estado, há ineficiências e todos nós queremos caminhar para uma eficiência maior. Mas não tenho essa convicção de que conseguimos economizar tanto no funcionalismo público e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade e expandir saúde, educação, serviços públicos e assistência. Essas coisas que estamos interessados em fazer para reduzir a

desigualdade. A gente precisa perceber que há diferenças muito grandes. Tem supersalários no Judiciário, no Legislativo, sobretudo, com pessoas ganhando acima do teto constitucional, recebendo aqueles auxílios. Não tenho nada contra, pelo contrário, sou muito favorável a acabar e reduzir essas coisas exacerbadas que, claro, aumentam a desigualdade. Mas também precisamos pensar que metade dos funcionários públicos ganha menos de 2,7 mil reais brutos por mês. Metade do funcionalismo, de todos os servidores, em nível estadual, federal e municipal, ganha menos de 2,7 mil por mês. Só 3% dos funcionários públicos ganham mais de 20 salários mínimos. Temos que pensar que a situação de professores, médicos, enfermeiros, profissionais da saúde no geral... De cada 100 funcionários públicos, 22 são professores, 11 são médicos ou profissionais da saúde. Quer dizer, essas pessoas não estão ganhando tanto assim a ponto de conseguirmos melhorar a qualidade dos serviços. Ao contrário, em muitos casos essas profissões são sub-remuneradas. Quando olhamos para a diferença entre o que ganha alguém que faz a mesma coisa no setor privado, os públicos ganham 8% a mais, na média. Mas se você vai olhar para mais de 50 países que foram objeto de estudo do Banco Mundial, na média, os funcionários públicos nesses outros países ganham 28% a mais em relação aos privados. Não é tão a mais. Tenho dúvidas sobre se é daí que vamos conseguir tirar os recursos para os gastos que são necessários para reduzir a desigualdade.

AF: Das duas uma, ou tem gente de mais, ou estão ganhando de mais. Porque o Brasil é um ponto completamente fora da curva. Nota que isso vale para países pequenos ou grandes. Países que têm um Estado pequeno ou grande. Isso é uma espécie de pista para aprofundarmos esse estudo. Acredito muito na ideia de se ter um Estado mais transparente, em que as pessoas sejam avaliadas, e exista uma certa disciplina. Não seria um modelo setor privado, acho que é outra cabeça, outra vocação. Mas hoje isso não existe. Tenho muita

convicção de que o Brasil é um ponto tão fora da curva e que isso dá para resolver.

PB: Tem uma fala do Paulo Guedes na última reunião ministerial de 9 de junho, que foi gravada: “E, no ano que vem, tudo terá voltado ao normal.” Armínio, para você, quando o Paulo diz isso, ele está sendo otimista, temerário, ou está longe da verdade?

AF: Acho que ele está sendo otimista. Na minha contabilidade, os números são um pouco diferentes. Acho que ele inclui uma série de medidas de crédito que não chegam na ponta. Então esse número é menor. De fato, a assistência social tem sido relevante. Mas o gasto direto na saúde e o crédito não estão ainda chegando totalmente na ponta. Ainda que esteja havendo um esforço. Isso é inegável. Penso que é absolutamente desejável. Com relação ao ano que vem, espera-se que a pandemia já tenha passado. Aí há um certo otimismo. Ninguém sabe. É possível que demore mais, é provável que demore mais, até que chegue uma vacina. Então vai ser necessário continuar com a assistência social, e essa dosagem vai ter que ser bem-feita.

LC: Concordo com o Armínio. Acho que é muito otimista esse cenário. Numa economia que deve estar em frangalhos no ano que vem, considerando a incerteza em relação à origem dessa crise, que é a crise na saúde, que é a pandemia, dado que já nem vínhamos de um quadro bom. Porque não vamos esquecer que o PIB de 2019, que foi anunciado logo antes do início da pandemia, já revelava uma desaceleração da economia em relação a 2018, 2017, que foram anos fracos. O quadro já era de fragilidade. O Brasil se distingue nisso de outras economias do mundo. Os Estados Unidos, por exemplo, vinham de uma expansão muito longa, desemprego baixo. Nós, aqui, não. Desemprego elevado, informalidade recorde, recuperação muito lenta, com os mais pobres sofrendo queda da renda. E aí veio esse choque da maior crise da história em muitos dos países, pelo menos

desde que temos estatísticas. Imaginar que, no ano que vem, as coisas vão estar bem o suficiente para que o governo volte ao normal – e isso, para o ministro Paulo Guedes, imagino que signifique, então, voltar à mesma agenda, cortar mais gastos, voltar à agenda de reformas, acelerar essa agenda e tentar reduzir a dívida rapidamente –, pode ser fatal para as nossas perspectivas de recuperação. As coisas têm que ser feitas de forma mais lenta, mais gradual. Pensando, aí, num médio prazo, de alguns anos, para realmente voltarmos para o patamar da dívida anterior.

PB: Queria voltar rapidamente à questão da tributação. Nos Estados Unidos, o segundo homem mais rico do mundo, Bill Gates, defende o aumento da taxa dos ricos e diz que ele estaria pronto a pagar o dobro dos impostos que paga. Há bilionários brasileiros com essa mesma disposição do Bill Gates?

AF: Penso que sim. Não todos, mas acho que sim. A coisa chegou a um ponto tal que a ficha caiu. Na prática, não sei, vamos ver. Vamos lembrar do que a Laura disse aqui no início da conversa: como isso se manifesta na arena política? E eu diria que a política, no Brasil, é predominantemente conservadora, no sentido mais tosco. Ela quer conservar poder, quer conservar riqueza. Vamos ver como esse debate vai acontecer.

PB: Vocês já foram consultores de políticos em campanha. Laura, em 2018, teve experiência como consultora do PSOL. Você pretende repetir a dose nas próximas eleições? Acompanhar algum partido, a campanha de algum político?

LC: Olha, Bial, acho que não. Sinceramente, é uma experiência importante essa de ter que sentar e fazer propostas. No caso, o que fiz foi coordenar um time de pessoas para tentar desenhar um programa. Minha preocupação hoje tem sido muito mais em tentar atuar no

debate para democratizar os conceitos de economia, ensinar economia. Os livros estão seguindo muito essa ideia de comunicar, de disseminar, de explicar e trazer as pessoas para o debate econômico, que é um debate muito fechado, que acaba muitas vezes bloqueando a participação de pessoas que são leigas. E com essa aparência de coisa técnica, fica como se não houvesse uma escolha democrática da sociedade envolvida em cada decisão técnica. Enfim, essa virou a minha opção, meu caminho. E isso ainda é reforçado pela ideia de que acho que não estamos no momento de cada um no seu partido, no seu setor. Estamos num momento de tentar agregar a sociedade para um objetivo comum, que a maioria considere satisfatória, que nos leve para esse caminho que estamos tentando traçar aqui, eu e Armínio.

PB: Armínio, e você? Podemos contar com você na consultoria de algum candidato para 2022? Qual seria ele?

AF: O relógio corre muito mais a favor da Laura do que de mim. Mas por um projeto bom, que pudesse pôr em prática ideias como essas que nós estamos discutindo aqui, eu toparia. Para fazer qualquer coisa, sabe? Tenho experiência hoje para assumir responsabilidades, mas, mais adiante, já mais velhinho, se puder ajudar, vou querer. Vou continuar querendo. Posso fazer outras coisas. Então acho que sim. A resposta é sim. Acho que quem tem a chance de ajudar, como tenho tido, e a Laura também, tem que fazer. Isso é uma questão de dever, sobretudo.

PB: Muito obrigado, Armínio Fraga. Muito obrigado, Laura Carvalho. Aproveito para encerrar, recomendando o livro da Laura: *Curto-circuito: o vírus e a volta do Estado*. São raras as vezes em que a gente vive uma crise e pode ler uma reflexão sobre ela enquanto a gente ainda está vivendo essa crise, em tempo real, como se diz hoje em dia.

*image
not
available*

PB: Ah, você é. Campeão de bilheteria, é. Pai de dois meninos, é. Recordista de...

PG: Viado, é.

PB: Viado... [Risos] Cadê os meninos? Cadê Gael e Romeu? Estão aí? Eles já fizeram 9 meses, Paulo?

PG: Eles estão com 9 meses agora. O Romeu nasceu no dia 3 de agosto e o Gael, dia 16. Tudo leão. Dois leõezinhos. Quando eles sorriem, é quase como se descesse um arco-íris dentro da gente. Dá uma colorida na nossa vida, que está estranha. Esse momento terrível que a gente está vivendo.

PB: E é bom que agora vocês estão podendo conviver muito mais. Porque não pode sair de casa, e você está com uma convivência muito mais intensa e íntima com eles, né? É bom demais.

PG: Nossa Senhora. Sua filha tem quantos anos?

PB: Qual delas? A pequenininha?

PG: A menorzinha.

PB: A menor tem 5 meses, é menor do que os seus. Fez 5 meses hoje.

PG: Ah, então vai namorar com o meu.

PB: Sabe-se lá.

PG: Você está precisando fazer amizade com quem tem filho da sua idade.

*image
not
available*

minha mão já começa a ficar assim [movimenta as mãos de forma feminina]. Eu vou virando. Não sei o que é, não sei se baixa uma entidade, um espírito, não sei. Nem vamos falar sobre isso, porque tenho medo de espírito. Então é melhor que não tenha espírito.

PB: Você continua com as suas superstições? Você é apegado às suas manias?

PG: Eu sou. Tenho muito medo de espírito. Tem uns bichos que eu tenho medo. Assim, por exemplo... Eu estou na serra. Tenho medo de besouro, dessas coisas que entram e somem atrás da cama. Tenho pavor disso. Eu me tranco o dia inteiro, deixo com tela. Se entrar um besouro, eu me mudo para o Rio. Tenho medo de tubarão. Muito medo. Sempre tive. Até no filme da Mônica Martelli, o *Minha vida em Marte*,² quando gravei, a gente fez uma cena em Angra em que eu tinha que ficar horas no mar. E fiquei pensando assim: “Gente, falam que não tem tubarão aqui, mas como provam que não tem tubarão? Passou um raio X no oceano inteiro? Às vezes vem um perdido.” Até botei isso no filme. Fico parado na água. Aí olhei para a Mônica e fiquei pensando: “Gente, Mônica é magra, eu sou mais cheinho. Para o tubarão, sou um cheeseburger.” Aí o que eu fiz? Pedi para a produção para deixar mais gente na água, para o tubarão ter opção antes de me morder, entendeu? Tenho essas coisas. Tenho medo de tubarão, tenho medo de espírito, tenho umas manias assim.

PB: Paulo tinha acabado de fazer a maior bilheteria da história do cinema brasileiro, quando a pandemia parou tudo. O filme *Minha mãe é uma peça 3* faturou 182 milhões de reais. E não só vendeu quase 12 milhões de ingressos, como foi de fato visto por 12 milhões de espectadores. O outro recordista é uma cinebiografia do bispo, os bilhetes foram comprados, mas não necessariamente os cinemas ficaram lotados. O público dos seus filmes, Paulo, é o mesmo do filme do bispo ou é o oposto?

DD: Bial, acho que foi a emoção maior que tive. Todos os dois a cara da avó, você sabe.

PB: Bonitos como a avó. Mas agora você não está conseguindo estar tanto quanto gostaria com eles, né?

DD: Não, claro que não. Está difícil.

PB: A grande inspiração, o grande exemplo que você dá é esse tesão pela vida, esse gosto por viver que você tem. Muito legal, muito legal. E o Paulo também.

DD: Não, o Paulo Gustavo é incrível. Desde pequeno que a gente sabia que ele ia ser artista.

PB: É? Quando é que você olhou: “Esse menino vai ser ator, esse menino é ator”? Desde cedo você viu isso?

DD: Porque ele não era só um garoto que imitava as pessoas, não. Tudo o que fazia, ele fazia bem. Ele tinha aquela garra. Ele dizia assim: “Um dia eu vou ser um artista.” E começou a fazer a CAL⁴ e, dali, ele foi. Ele falou: “Eu vou fazer uma peça. Estou escrevendo uma peça.” Aí eu falei: “Escrevendo uma peça?” Não levei fé, não. Quando assisti ao último ensaio, quase caí dura para trás. Eu falei: “Meu Deus, essa mulher é maluca, essa mãe. Como vai ser isso? Isso não vai dar certo.” Depois vim para casa, fiquei pensando assim: “Toda mãe tem um quê da Dona Hermínia.” Não adianta. Eu sou desbocada. Pode não falar palavrão, mas ela vai atrás dos filhos, ela corre, ela é uma leoa. Eu sou uma leoa. Eu nasci para ser mãe.

[Imagem de Paulo Gustavo filmando a mãe com o celular em dois momentos. Nos dois ela aparece brigando com ele, como a personagem Dona Hermínia.]

como ser humano, já não acho mais graça de coisas que eu fazia anos atrás. Não aprovo mais. Se tiver que passar agora por mim, já não aprovo mais. A vida é assim, né? Você vai transformando. Não existe você ficar parado num ser humano só. A gente vai se lapidando.

PB: É. A pandemia pegou você num momento muito bombado. Você já vem há muitos anos na crista da onda. Aí, agora, você ia fazer uma série. Você está trabalhando nessa série? O que vai ser essa série? Quem vão ser os personagens? Dá para você já projetar alguma coisa?

PG: Sim. A gente vai fazer *Minha mãe é uma peça* no Globoplay.

PB: Como série?

PG: Como série. A primeira temporada vai voltar lá atrás na vida da Hermínia. Vai ser a Hermínia quando ela ainda era casada, e os filhos tinham 8 anos de idade. E o primeiro episódio é sobre a mãe da Dona Hermínia. O que a mãe da Dona Hermínia deixou para a Hermínia. Como que a Dona Hermínia se tornou Dona Hermínia.

PB: E você vai fazer as duas?

PG: Não. Ah, olha só, nem se posso falar isso, mas vamos falar. Convidei a Marieta Severo para fazer a mãe.

PB: Que todo mundo diz que é parecida.

PG: Exatamente. E, além de todo mundo dizer que é parecida, acho a Marieta hilária, um amor de pessoa. Sou amigo dela, ela frequenta a minha casa e eu frequento a casa dela. Quando escrevi *Minha mãe é uma peça*, há 15 anos, havia assistido à peça *A estrela do lar*,⁶ que era o espetáculo que ela fazia. Eu me inspirei muito na Marieta também. Queria muito que ela fizesse. Ela já topou, mandou um áudio enorme,

XUXA MENEGBHEL

X de multiplicação

PEDRO BIAL: Se a TV já é importante para formar a opinião das pessoas, imagina a TV para crianças, que forma os pequenos cidadãos. Entre tantas estrelas que apresentaram programas infantis, ela se destaca. Talvez por causa daqueles dois xis com que Deus, aquele velho corsário, a marcou, para não perder de vista a sua favorita. Por falar em Deus, lembrei agora do grande orixá da TV brasileira, e o que ele disse sobre ela. Fala, Velho Guerreiro.¹

[Depoimento de Chacrinha sobre Xuxa, no *Jornal Hoje*, da TV Globo, em 1987]

ENTREVISTADORA: Você pensa em parar de fazer isso?

CHACRINHA: Minha filha, pensar em parar? Meu grande drama é esse aí. Vou pedir a Deus para parar realmente quando eu morrer.

E: E aí? Quem seria o sucessor do Chacrinha nessa coisa de dar alegria para as pessoas?

C: Com toda a honestidade, se eu fosse botar uma pessoa hoje, eu botaria a Xuxa.

E: É mesmo?

de Janeiro, que era o *Capitão AZA*. Ele tinha uma nave, e falava: “Capitão AZA chamando a Terra.”

PB: TV Tupi.

XM: Isso! [Risos] Engraçado, você falando esses negócios. Eu era fanzoca, a ponto de levar isso para o meu programa depois. A nave do Capitão AZA, que virou a minha, com a cara da Penélope Charmosa, com as chuquinhas e não sei o quê. Fez muito a minha personalidade. Até hoje. Os meus sonhos. Eu via a *Sessão da Tarde* e falava: “Um dia ainda vou fazer alguma coisa nos Estados Unidos, ainda quero fazer alguma coisa em Hollywood.” Lembro que, quando fui gravar o meu programa *Xuxa* lá nos Estados Unidos, em Hollywood, e tinha meu nome na portaria para eu entrar e parar o carro, falei assim: “Caraca, sonhei tanto com isso quando eu era pequena.” Quer dizer, os meus sonhos foram se realizando. Tudo de infância. De infância mesmo.

PB: O cara que percebeu que você tinha tudo para fazer televisão foi o Maurício Sherman,³ né?

XM: Foi.

PB: Foi o cara que levou você para a Manchete, te revelou. O que ele deu de orientação, de conselho, que até hoje vale? O que ele te falou quando botou você na frente das luzes?

XM: “Seja você.” Ele falava isso o tempo todo. Maurício falou uma coisa engraçada quando me viu. Eu estava divulgando uma revista masculina no programa do Ziraldo, lembra? Tinha vários convidados e um deles era o Maurício Sherman. Ele ficou me olhando. Eu estava com uma roupa de camurça, e ele me perguntou: “Você gostaria de trabalhar com criança?” Aí eu mostrei a revista: “Olha só, estou aqui divulgando uma revista masculina. Como é que o senhor me convida

colágeno faz uma falta, Pedro. Numa boa, vou te contar, viu? Está difícil.

PB: Xuxa, você está envelhecendo com grande sabedoria. Você ainda não é velha. Tecnicamente, você só vai ser velha depois dos 65 anos de idade; 60, se você quiser. Você está cada vez melhor. É verdade. Porque tem mulher que envelhece querendo continuar garotinha, *jovenzita*. Você está aceitando a gravidade dos anos. Estou falando não só fisicamente. Você, como cabeça, está envelhecendo muito bem.

XM: Ai, que bom. Acho que é pelo fato de ter uma pessoa que está do meu lado e gosta de mim do jeito que eu sou. Dá uma ajuda legal. Eu estaria batendo pino, fazendo muita coisa errada, se estivesse sozinha. Porque, você sendo ariano e eu sendo ariana, a gente sabe que tem um problema... A gente é muito carente, nesse sentido. A sensualidade, a sexualidade e a carência são muito fortes. Se eu não tivesse uma pessoa do meu lado, acho que estaria fazendo muita coisa errada. Para mim, deu uma assentada.

PB: Você tem um velho para comer pipoca, então. Como você disse.

XM: Tenho, é.

PB: Sorte sua e sorte dele, né? O Junno.⁶ Que bom que vocês se encontraram. A outra coisa que você diz nessa entrevista é que você ia morrer cedo. Pelo jeito, você não vai morrer cedo. Já não morreu. Mas você disse que vivia como se sempre fosse morrer amanhã. Essa aflição passou ou você ainda vive como se fosse morrer amanhã?

XM: Ali era aquela coisa que eu tinha na minha cabeça, que eu fazia tudo de mais. Quando tinha que correr, corria de mais. Dormir, queria dormir de mais. Comer... Tudo... Acho que é um exagero, talvez, da minha personalidade, do meu signo. Como tinha acabado de falar, nós

outras mães, eles me batiam muito.” E fiquei com isso na cabeça. “Carácoles, se realmente isso existe, a minha filha já veio preparada para vir para uma pessoa que nunca ia levantar a mão para ela.” Acho que ela realmente escolheu.

PB: Ela disse isso com 2 anos de idade?

XM: É. Acima de tudo, isso tudo que as pessoas veem, que ela é uma menina bonita... Ela tem um coração muito bom. Seria muito ruim se eu tivesse uma filha que não tivesse essa índole. Eu ia me sentir muito mal. Tenho muito orgulho de ela ter essa índole. Não fui eu que ensinei. Pelo contrário, acho que mimei demais, dei tudo. Ela podia ser um nojo. E não é.

PB: Que bom. Quando chega essa idade em que filho – não deixa de ser filho, nunca vai deixar de ser – passa a ser um amigo também, é muito legal.

XM: É.

PB: Voltando aqui à nossa retrospectiva da televisão brasileira, você falou de uma coisa que, no século passado, era quase considerada normal, que era bater em criança. E havia outras coisas que eram consideradas normais, corriqueiras, e que hoje são malvistas. Por exemplo, numa campanha de fim de ano da Globo – “Invente, tente, faça um 92 diferente” –, você fez uma graça de musical, ao lado do gigante que Orson Welles¹³ falou que era o maior ator do mundo: Grande Otelo.¹⁴ Mas você estava pintada de boneca de piche. A tal da ideia do *blackface*.¹⁵ Como ele reagia à história de você de boneca de piche? Ele não devia achar nada de mais, né?

XM: Nada, ele adorou. Ele falou: “Nossa, que linda que você ficou. Que linda.” Foi tudo tão bonito. É, realmente, se você parar para

XM: A cara do Pedro. [Risos] Pois é, Pedro.

PB: Brochada imediata, né? Meu Deus, que absurdo.

XM: É, filho.

PB: E olha que eu adoro essa música. E adoro sexo também. Mas as duas coisas juntas não dá, não. [Risos] Que doideira, Xuxa. Numa escala muito menor, muito diferente, já várias vezes percebi que as pessoas vêm falar com o tal do Pedro Bial que elas imaginam. E não têm o menor interesse no Pedro. O menor interesse. Você deve ter enfrentado isso muitas vezes. Não queriam saber de você, queriam saber da Xuxa.

XM: É, mulher tem uma escala um pouquinho maior do que os homens. No meu caso, pelo fato de eu ser muito protegida, de ter gente perto de mim, a minha equipe, meu trabalho, trabalhando todo dia, meio que me afastava disso. Mas, quando eu podia e conseguia chegar perto de alguém, muitas vezes eram pessoas que queriam ficar perto da apresentadora, perto daquela pessoa que tinha aquele nome e aquele espaço. Não de mim como pessoa. Me deparei com várias histórias, como essa que te falei do “Quem quer pão”. Gente querendo fazer chuquinha na hora, sabe? [Risos] É um fetiche danado. Para mim, me dava um nó na cabeça.

PB: Mas fetiche só é bom quando os dois curtem. Quando é só para um não é legal.

XM: Você tem razão.

PB: Ah, Xuxa, que delícia. Queria agradecer demais esse tempo que você nos deu.

GILBERTO GIL

Orixá na Terra

PEDRO BIAL: Não é Natal, mas que noite feliz. Sabe por quê? Vou explicar para vosmecê. Antes de ir para o Orum – pro céu, pro paraíso, pro Valhala, pro astral, chamem como quiser... Antes de ir para o Orum, os orixás viveram aqui na Terra. E andavam por aqui. Aliás, andam até hoje, são forças da natureza, frequentam tanto o Orum quanto o Àiyé, que é isso aqui que a gente vê. Bom, mas por que estou dizendo isso tudo? Porque tem gente que vira orixá em vida. É, eu garanto, eu vi, eu atesto. Quando conheci Mãe Menininha do Gantois,¹ cheguei lá – no aniversário de 90 anos dela –, ela me recebeu deitada na cama. Em cima dela, a foto do papa João Paulo II. Aquele sorriso. Tudo amarelo em volta, aquela cor das pedrinhas no fundo do leito dos rios quando bate o sol. Ali, era um orixá olhando para mim. Outro exemplo: Caymmi, Dorival Caymmi. Era outra qualidade de orixá, mas também estava lá, filho de Xangô. Aliás, o orixá vivo que a gente vai encontrar agora também é da linhagem da justiça, da linhagem de Xangô. Salve, seu Gilberto.

GILBERTO GIL: [Risos] Oi, Pedro. Oi, todo mundo. Que orixá? Que história é essa?

PB: É, você já está um orixá vivo. Vai negar?

GG: Não, não vou negar. Mas também não vou me apropriar. [Risos]

para muitos, parece, será o caso do nosso pós-pandemia. Mas também você pede ao Tempo rei: “Transformai as velhas formas do viver.” Então como é que é? É uma coisa e outra também?

GG: É, é isso. “Não me iludo/ Tudo permanecerá do jeito que tem sido/ Transcorrendo/ Transformando/ Tempo e espaço navegando todos os sentidos.” A primeira estrofe. Os primeiros quatro versos da canção. São logo muito explícitos, muito definitivos nessa interpretação, nessa visão de que está tudo descendo a serra o tempo todo, tudo rolando pela ribanceira o tempo todo.

[Mostram trecho do clipe de “Pessoa nefasta”, de 1984.]

PB: Os desgostosos com o atual governo identificam “Pessoa nefasta” com Jair Bolsonaro.

GG: [Risos] Como, na época da música, do lançamento da música, muita gente identificava com o Paulo Maluf. “Essa música não foi feita para o Paulo Maluf?” Me perguntavam. E eu dizia: “Não, não, não.” [Risos]

PB: Mas é o seguinte, quando perguntaram a você sobre o Bolsonaro, você falou que o Bolsonaro lhe inspira a oração. Aí, eu vou perguntar se é assim que você reza a oração para o Bolsonaro: “Chama pelo teu guia/ Ganha fé, sai a pé, vai até a Bahia/ Cai.”

PB e GG [juntos]: “Aos pés do Senhor do Bonfim.”

PB: “Dobra/ Teus joelhos.”

PB e GG [juntos]: “Cem vezes.”

PB: “Faz as pazes.”

GG: E aí toda a questão histórica, a escravidão, as dificuldades históricas, o preconceito racial, o racismo, todas essas coisas ficaram evidentes para mim, tiveram que se evidenciar.

PB: Você menino, em Ituaçu. O seu pai, médico. Você não sentia isso? Não sentia uma diferença?

GG: Não sentia diferença. Meu pai era uma figura proeminente da vida da cidade, da urbes. Era uma urbes onde ele era...

PB: O doutor.

GG: Ele era uma espécie de orixá. Era um doutor, era um orixá. Era um grande curandeiro. [Risos] Fazia os partos das grávidas brancas, das grávidas negras, de todo mundo. E exibia os meninos. Ele curava, costurava a barriga do fazendeiro que tinha levado facada. [Risos] Ele era festejado, era querido. Minha mãe era professora na escola municipal. Então não havia espaço para a percepção da diferença. O racismo, a discriminação, essas coisas não eram exercidas em relação ao meu pai, à minha mãe e à minha família. Não tinha isso. Eles eram pessoas queridas, importantes, fundamentais para a vida de todo mundo ali, daquela comunidade.

PB: Quantos habitantes tinha Ituaçu mais ou menos, naquela época?

GG: Em 1950, novecentos habitantes. Não chegava nem a mil. Só fui perceber essas questões graves da vida, do mundo, muito mais tarde, muito depois. Já no colégio, no ginásio. Ali começou, um pouco. Meus pais me mandaram para um colégio da elite, onde o número de negros era muito pequeno. Num colégio de quatrocentos, quinhentos alunos, você contava dez negros, na melhor das hipóteses. Então, ali, essas questões começaram a surgir. A questão do racismo, da discriminação, enfim, do deslocamento social que aquele grupo étnico

PB: De onde eu venho sempre tem.

GG: Não adianta eu chorar. Não adianta eu lamentar a minha extinção. A vida vai prosseguir de alguma forma.

PB: É muito narcisismo acreditar que tudo vai morrer com a gente quando a gente morrer, né? [Risos]

GG: É muito narcisismo achar que o sentido amplo da existência tem que ser sempre traduzido dessa maneira minha de compreender, de estar na vida, de estar na existência. São tantas possibilidades extraordinárias de existências outras nesse campo vasto dos universos que já existem e naqueles que estão sendo criados, o tempo todo, pela própria consciência. Consciência é isso, é uma fonte criadora permanente de existências. [Risos] Na música, digo que um medo que tenho é o medo de morrer, porque ainda pode haver dor.

PB: “Não tenho medo da morte/ Mas sim medo de morrer/ Qual seria a diferença?/ Você há de perguntar/ É que a morte já é depois/ Que eu deixar de respirar/ Morrer ainda é aqui/ Na vida, no sol, no ar/ Ainda pode haver dor/ Ou vontade de mijar.” Ô, Gil.

GG: A morte já é depois. “Morrer ainda é aqui, na vida, no sol, no ar.” Então o medo que a gente tem da morte é o medo físico, não é o medo metafísico. É a assombração que a cova traz. Você pensar no seu corpo ali, desaparecendo. Ali, embaixo da terra, ou no fogo da cremação. [Risos] Esse é que é o medo.

PB: Por isso que o Machado de Assis dedicou o *Brás Cubas* aos vermes que começaram a comer... “Aos primeiros vermes que devoraram o meu corpo.”¹⁰

GG: Pronto. [Risos]

PB: [Risos] Não adianta. Ah, Gil, que delícia. Muito, muito, muito obrigado, meu amor.

GG: Muito obrigado a você. A todos.

Notas

¹ Maria Escolástica da Conceição (1884-1986), a Mãe Menininha do Gantois, foi mãe de santo (ou ialorixá, em iorubá) do maior terreiro de candomblé do Brasil por 64 anos.

² “Nel blu dipinto di blu”, também conhecida como “Volare”, canção de Domenico Modugno lançada na década de 1950.

³ “Pela internet”, faixa do álbum *Quanta*, lançado em 1997, a canção faz alusão a “Pelo telefone”, de Donga e Mauro de Almeida, considerado o primeiro samba gravado no Brasil, lançado em 1917.

⁴ Versos da canção “A raça humana”, de Gilberto Gil, do álbum *Raça humana*, de 1984.

⁵ “Tempo rei”, do álbum *Raça humana*, 1984.

⁶ De Carvalho, José Murilo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

⁷ Andrucha Waddington é cineasta, diretor de filmes de ficção, documentários e vídeo clipes, tendo realizado diversos projetos com Gilberto Gil. Em 2020, durante a pandemia de covid-19, realizou um vídeo clipe com a canção “Andar com fé”, em que 55 nomes, como Chico Buarque, Fernanda Montenegro, Milton Nascimento, Emicida, Caetano Veloso e Stevie Wonder, cantavam em homenagem ao aniversário de Gil. A versão original de “Andar com fé” foi lançada no álbum *Um banda um*, em 1982.

⁸ Trecho de “Estrela”, faixa do álbum *Quanta*, de 1997.

⁹ Versos de “Expresso 2222”, canção do álbum de mesmo nome, de 1972.

¹⁰ Texto original: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas.” (Machado de Assis em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881).

¹¹ Verso da canção “Tempo rei”.

¹² “Esotérico”, faixa do álbum *Um banda um*, de 1982.

seguinte, a gente revia o que tinha falado, e aí dava uma acertada e diminuía um pouco o entusiasmo da noite anterior.

PB: Deixava o álcool evaporar e ficava só o doce. [Risos]

DF: [Risos] Olha, foi andando na praia, eu e o Boni, lá na casa dele de Angra, grudados um no outro, e ele assim: “E você faz quatro seriados para a gente estreiar em abril?” Lógico, só um bêbado diria: “Faço.” [Risos] E aí vieram juntos, *Plantão de polícia*, *Malu mulher* e *Carga pesada*. E eu disse: “O quarto eu não consigo. Vamos fazer o velho teatro.” E aí fizemos o *Aplauso*.¹¹ Ou seja, o que estou dizendo é que era uma turma muito boa, com uma vontade muito grande de fazer uma televisão boa, brasileira, que falasse com o público brasileiro, com personagens que tinham a ver com o Brasil. E, logicamente, estávamos fazendo isso sob uma censura muito grande. Portanto, haja metáfora, né?

PB: Haja metáfora. A tal ponto essa censura ia que, hoje, há quem aponte o apogeu desse período das novelas no *Roque Santeiro*,¹² que, em sua primeira versão, sequer foi ao ar, foi censurada. E você lembra onde estava quando recebeu a notícia da censura? Porque já tinha capítulos gravados, já estava tudo pronto para ir ao ar.

DF: Eu estava gravando.

PB: Estava gravando *Roque Santeiro*.

DF: Eu estava no estúdio A gravando o 37º capítulo do *Roque Santeiro*, quando chegou a notícia. E me lembro de ter parado de gravar. Eu disse: “Olha, gente, estou parando, porque acho que a gente está fazendo uma coisa que não importa para ninguém.” Quando veio a real proibição, ficamos lutando por isso, e o Roberto Marinho também lutou, tanto que escreveu um texto que foi lido pelo Cid Moreira.

Rodrigues e filmar, como você entendeu. Pega essa deixa: o que há de Nelson Rodrigues, neste Brasil 2020, que muita gente chama de distópico?

DF: Boa pergunta. Pedro, me enrascou. [Risos]

PB: Difícil de responder, né?

DF: O que há de Nelson Rodrigues?

PB: O Nelson tem aqueles personagens.

DF: O canalha. O que há daquele contínuo, que, de repente, ocupa o escritório, porque o patrão não está? O que há daquele contínuo que é pai das sete gatinhas? Em que as suas próprias filhas escrevem, e sua própria mulher escreve palavrão no banheiro, com desenhos pornográficos. E ele tenta esconder isso. Ele, que vende as próprias filhas. O que há, atualmente, de Nelson Rodrigues? Há a canalhice. Eu seria obrigado a dizer, violentamente. Porque você não pode usar aquilo que foi usado em [os julgamentos de] Nuremberg: “Eu estava cumprindo ordens.” Não dá, neste momento, para simplesmente cumprir ordens. Aliás, um bom comandado não cumpre ordens, tem que dizer: “Está errado, não faça isso.” Ou, se não, você está sendo um mau comandado, que está fechando os olhos e dizendo a frase: “Ah, deixa ele se danar.” Não pode ser isso. Está errado, está errado, está errado. Sabemos que está errado. Sabemos que temos que ficar em casa. Estou há dois meses dentro de casa. Saí só para tomar a injeção da gripe e estou dentro de casa. E devo dizer que não me chateio dentro de casa. Estou me reencontrando, estou repensando mais minha vida, estou pensando mais no que fiz, estou lendo, ficando mais culto, entendendo melhor as pessoas. Procurando ver de que maneira posso ajudar. O que eu posso fazer, o que devo fazer quando esta guerra parar. Ou o que posso fazer para que a guerra pare. O mundo está se

DF: Exatamente. As pessoas que cobravam dela uma outra coisa, que ela não tem. Mas você vai ver. O Caetano, que é um compositor, que é um cantor brilhante, e que é um músico brilhante e um pensador brilhante. Mas são várias pessoas ali no Caetano. São vários “Caetanos”, né? O que é o Chico Buarque escrevendo como mulher? O que é a mulher do Chico Buarque? E quando uma mulher pega para cantar: “Se acaso me quiseres, sou dessas mulheres...”²² Quando a gente fala isso, eu só consigo pensar na Gal [Costa] cantando, né? Era uma volúpia.

PB: Vou mostrar a surpresa que o Renato Terra preparou para você.

[Mostram o vídeo em que Mary Daniel, mãe de Daniel filho, e Juan Daniel, seu pai, são entrevistados por uma repórter.]

REPÓRTER: Como é que é ser pai e mãe de Daniel Filho?

MARY DANIEL: É uma felicidade completa. É uma felicidade ter um filho como ele, amoroso. Muito bom.

JUAN DANIEL: Eu estou muito feliz e orgulhoso. Porque os filhos são uma continuação do pai, não? O que eu não pude fazer, o que eu não pude chegar, ele está chegando. Então eu me sinto realizado através dele.

DF: Cinquenta anos de casados, ali, eles faziam. Papai estava com 80 anos; mamãe, com 76. Isso foi uma festa linda, e eles viveram mais 20 anos juntos. Papai morreu, foi embora, com 102. E mamãe, com 101.

PB: Que maravilha. Sinal de que vamos ter Daniel Filho por muito tempo ainda. Estou gostando dessa longevidade familiar.

ARY FONTOURA

A reinvenção na quarentena

PEDRO BIAL: Nós, que estamos aproveitando todas as deixas para celebrar os 70 anos da televisão brasileira, hoje queremos celebrar, talvez, o maior criador de tipos nestes 70 anos. Incomparável, único, ele já foi tantos brasileiros: desde um ser fantástico, como um lobisomem, o lobisomem Aristóbulo, ou a um personagem bem familiar, um pão-duro, Nonô Corrêa, ao mais familiar ainda, prefeito corrupto, Florindo Abelha, assim como esse tradicional, arquetípico personagem brasileiro, o coronel autoritário Artur da Tapitanga, e o misterioso mordomo – mordomo, aliás, é sempre misterioso – Silveirinha. E tantos, e tantos outros, sempre em atuações magistrais. Mas, na vida pessoal, o criador sempre preferiu ficar à sombra de suas criaturas. Agora, aos 87 anos de idade, 72 de carreira, e 55 deles na Globo, ele virou sucesso no papel de si mesmo. É o mais novo fenômeno das redes sociais no Brasil. Ganhou 300 mil seguidores só no último mês.¹ Daquele jeitinho dele, como quem não quer nada, singelamente, mostrando o seu dia a dia, seu simples dia a dia, em confinamento, no seu apartamento paulistano. Aí já teve: receita de bolo de laranja; faxina com esfregão; banho de sol na janela, sem camisa; malhação; palavras cruzadas. Eu não sei, são coisas simples. Talvez seja o jeito que ele faça, talvez seja ele mesmo, que, em meio à pandemia mais mortal dos últimos 100 anos, nos mostrou que a rotina tem seu encanto. Ele deu exemplo de amor à vida. E na vida se ama as pequenas – pequenas e grandes – coisas da vida. Ary Fontoura.

Você, de repente, aparecer um pouco mais, se transformar em “muso da pandemia” são contingências. Mas a sua essência tem que ser mantida. E isso faço absoluta questão de manter. Então o que está sendo o meu presente? Comecei a ver que passo uma bela de uma vassoura no chão, que sei fazer bolo, que sei cozinhar... Essas coisas todas do cotidiano. Eu disse: “Eu vou transformar isso numa coisa comum.” E acredito que isso chegou nas pessoas.

PB: Chegou. O bolo de laranja foi um hit, né? Foi o maior: 218 mil curtidas, 20 mil comentários. O que esse bolo de laranja tem de tão especial?

AF: Com 12 reais, você faz. Isso é o especial do bolo. E o especial das coisas que faço. Porque não adianta você botar marrom-glacê e encher de coisas que são muito caras... A pessoa está vendo a tv, mas não está tendo tempo para ir no supermercado, não tem dentro de casa. Então, se der para aproveitar as coisas que você tem na sua cozinha, nos seus armários, você aproveita. E o bolo de laranja é muito fácil. Sei que tem pessoas me odiando, inclusive. Claro, de uma forma muito engraçada. E as pessoas se manifestam assim: “Ary, estou com ódio de você, porque, com esse bolo de laranja, ganhei mais um quilo.” [Risos] A não ser que faça o que eu faço, né? Por exemplo, estou mantendo os meus 80 quilos desde que comecei. Oitenta e tantos dias, oitenta quilos. Por quê? Porque estou comendo menos. Mas sempre provando de tudo. Comendo menos, fazendo exercício sem parar. Então também dou a minha contribuição.

PB: Mas vou te dizer outras contribuições que você está dando, de maneira muito ligeira, como quem não estivesse fazendo nada, como quem não quisesse nada. Uma: o exemplo de ficar em casa, porque ainda tem, no meio da pandemia, gente que está com uma atitude negacionista e que não entende que a única maneira de combater o contágio é ficar em casa. E a outra coisa é que, com o confinamento,

Vou fazer isso aí e dar esse diploma para a família.” Fui para a universidade, fiz vestibular. Daí fiz até o quarto ano só, foi o quanto eu aguentei. E resolvi parar. Minha mãe já estava se preparando para dançar aquela célebre valsa no baile de colação de grau. Meu pai também estava colocando as coisas... E eu estava lá na televisão, em Curitiba, fazendo teatro e as coisas de que eu realmente gostava. Cheguei para a família: “Não dá, vou embora daqui.” Cheguei para a mamãe, e ela, que dizia: “Não fale mais em ir embora, a não ser no dia em que você realmente quiser ir.” Aí eu disse: “Mamãe, combinamos isso. Eu vou-me embora amanhã. Aqui estão as passagens. E vou embora para o Rio de Janeiro.”

PB: Que idade você tinha?

AF: Eu estava com 30 anos. E ela: “Você resolveu, não é, Ary?” “Resolvi há muitos anos, mamãe. Não dá mais para ficar.” E vim-me embora para o Rio. Eu cantava também. E tinha uma carteira da Ordem dos Músicos, e eu pensava que deveria trazer toda a documentação, porque aqui ninguém me conhecia. No Rio de Janeiro, ninguém me conhecia. O Paraná – e Curitiba especialmente – era uma ilha, de onde nada saía. Então eu tinha que começar tudo aqui. Peguei um táxi e fui-me embora. E me esqueci da tal carteira. A saída tinha sido dolorosa, ver mamãe acenando para mim na porta, me dando uma chave da casa, para quando eu quisesse voltar, [dizendo] que a casa estava à disposição. Na metade do caminho: “Minha carteira. Ah, eu preciso voltar.” Voltei, abri a porta da casa, fui à sala, peguei no canto, olhei no corredor: sentadinha no banquinho, mamãe estava chorando. Cara, até hoje isso ficou. Meu Deus do céu, isso só serve para reforçar... [Emociona-se] Perdão... que eu vou ter que realmente batalhar muito, e me empenhar nisso, em que realmente acredito, de maneira bastante significativa. E, então, passei a trabalhar mais e mais, já profissionalmente, fazendo essa carreira.

O espigão.]

AF: Não, não se assuste, é minha irmã que tem mania de criar vira-latas. Você está na minha companhia, eles não mordem.

[O personagem de Ary Fontoura posiciona-se atrás da moça e, com uma tesoura, corta uma mecha do cabelo dela.]

MYRIAM PÉRSIA: Ai, o que foi isso, hein?

AF: São folhas que caem das árvores. Aqui também tem muito passarinho.

MP: Obrigada. Desculpa, Professor. E boa noite.

AF: Boa noite. E feliz Ano Novo para a senhorita e para todos os seus.

MP: Obrigada, Professor. E para o senhor também. Boa noite.

[A moça vai embora. O personagem de Ary Fontoura pega a mecha de cabelo caída no chão e a cheira.]

PB: Sexo explícito. [Risos]

AF: É. Eu reputo esse personagem como um dos melhores da minha carreira dentro da Globo. Fiz mais de 50 novelas, mas, esse personagem, pela época em que foi feito, pelo trabalho que deu, pela forma como se encontrou para trabalhar, foi tudo maravilhoso. E essa novela nunca foi mexida.

PB: Nunca foi mexida em que sentido?